

FIGIORESE, Fernando. *Um chão de presas fáceis*: documentário. São Paulo: Escrituras Editora, 2015. 279 p.

À extensa produção acadêmica de Fernando Fábio Fiorese Furtado (Pirapetinga/MG, 1963), que engloba escritos científicos e artísticos, interlocução profissional na cena literária, poemas gravados e traduzidos, contos publicados em revistas e livros, e prêmios literários, se junta agora a prosa de *Um chão de presas fáceis: documentário* (2015), classificado como romance brasileiro. Já se observou que este livro oscila entre o romance e a novela literária, dada a constituição linear da história, que acontece de uma cidade a outra, ao longo da rodovia Rio-Bahia, não havendo continuidade de ação das personagens. Por outro lado, a estratégia de narrar por meio de um autor onisciente intruso, narrador-editor, amalgama as partes, reconstituindo verbalmente “o documentário que jamais chegou a ser editado” (p. 5).

O discurso do narrador-editor comunica ao leitor, por escrito e em primeira pessoa, testemunhos orais selecionados. Toma a si a composição de um romance, a partir de material cinematográfico guardado por Humberto, quando viajava com Murilo, de ponta a ponta no trecho da BR 116 que atravessa Minas Gerais, entre o Rio de Janeiro e a Bahia. De 30 de julho a 15 de setembro, os dois amigos filmaram vozes anônimas e histórias de vida, mas um acontecimento trágico pôs fim à vida de Murilo, e o projeto foi encerrado sem término. Humberto desiste de realizar o filme e entrega ao narrador uma caixa com as entrevistas e outros documentos, misturados e sem data, localizando apenas os lugares por onde passaram os cinegrafistas.

O eixo da estrada baliza o andamento da narrativa e lhe confere o encadeamento. A natureza ficcional da obra resolve os questionamentos por conta da utilização de documentos históricos em meio à composição literária, fragmentos acompanhados de referências bibliográficas. Ademais, a referência contida no nome das cidades aponta para a enorme diversidade humana da região, em contraposição à fraca caracterização dos viajantes que passam e exploram os habitantes do lugar.

O romance se estrutura em setenta capítulos, demarcados com subtítulos irregulares, contados desde a Nota do Autor, em caixa alta, como todos os demais capítulos, até o último, que se encerra com uma expressão em forma de desafio. Como a banana que tem dois lados, na última história do romance, a personagem Paulo Preto apresenta o lado bom e o lado ruim de viver à beira da Rio-Bahia, por um lado realçando as notícias e novidades, por outro denunciando as desgraças e safadezas, e deixando a obra em aberto.

A marca característica do narrador-editor é generalizar a vida e a moral das personagens envolvidas em dramas humanos, como na história do pai que vende a filha a um forasteiro, em “O que carcará deixa, urubu não enjeita” (p. 90). As personagens viajantes que seguidamente transitam indo ou voltando pela rodovia, podem ser de outros estados, mas também de localidades da região. A população de Minas muito saiu para São Paulo, nos anos 1941 a 1950, destinada às lavouras no interior do estado, informa um documento oficial, embora a imagem da realidade construída pelo narrador-editor não procure afirmar a história.

Em seguida à Nota do Autor, aparecem três epígrafes retiradas de escritores de Minas Gerais, com que o narrador-editor esboça a figura do mineiro, atribuindo-lhe a invenção da tocaia e dando-lhe o caráter de personagem ficcional em legítima defesa. Tanto a expressão linguística quanto a historiografia citada no corpo do romance remetem o leitor a um discurso alternativo à própria história narrada, pois fazem contraponto com a questão do pertencimento daqueles que, oriundos de lugares diversos, buscam estabelecimento à margem de um lugar de passagem.

Já no título o narrador-editor inscreve a problemática identitária, justamente pela recuperação da frase popular ou do dito conhecido: “Um chão de presas fáceis”,

que aparece em destaque no título e reaparece num dos capítulos da obra. Dos elementos que a compõem, decorrem duas questões: uma é sugerida pelo sentido figurado da palavra *presa*, que indica a condição humana violentamente usurpada, e a outra pelo uso de *chão*, que traz a ideia daquilo que se percorre facilmente, assim como é fácil o abuso dos que passam contra a fragilidade dos que vivem à margem da rodovia.

Criado a partir dos relatos de beira de estrada, o romance revela um Brasil profundo, de relações estilhaçadas de grupos humanos que se mudaram para as localidades ao redor da Rio-Bahia, constituíram povoados e cidades e sofreram todo tipo de choque cultural e econômico. Ao ser narrado por um editor onisciente, o texto pode ser visto de um ou de muitos ângulos, com ampla margem de intromissão autoral sobre a narrativa.

De acordo com Thomas C. Foster, os romancistas criam cidades imaginárias e pessoas imaginárias com crises reais, questões reais, problemas reais. Das passagens de história de Minas Gerais citadas no romance, tiradas a Auguste de Saint-Hilaire (1830), Theóphilo B. Ottoni (1856), Afonso Arinos de Melo Franco (1955) e Paulo Mercadante (1973), surgem várias perspectivas. Por exemplo, o fragmento extraído de Daniel de Carvalho (1956), deputado mineiro e Ministro da Agricultura no governo Dutra, dialoga com a problemática da identidade à margem da rodovia. No nomadismo do mineiro, em busca de terras virgens, se encontra a persistência da mentalidade e dos hábitos indígenas, que o faz emigrar levando família, animais e sementes, para fundar nova taba e aí se estabelecer.

Outro ângulo explorado pelo narrador-editor advém da conhecida e popular desconfiança do mineiro. Para tanto, seleciona o texto com título em tom de provérbio “Atrás do morro, tem morro” (p. 161), cujo sentido ensina a confiar desconfiando. Trata-se de uma história de vida que narra o reencontro entre Norberto Damasceno Reiff e o amigo Fernando, que se foi de Orizânia há muitos anos, depois de protagonizar muita confusão. Fernando retornou sem avisar, visitou Norberto sem aludir ao passado, deixou um exemplar de seu livro de contos e partiu. “Além do mais, tá certo que o sujeito saiu daqui daquele jeito que todo mundo sabe, mas acabou virando escritor...”. Após a partida do amigo, Norberto inicia a leitura, sem saber o

que é um conto, e se contraria com as narrativas que representam situações de sua família, com quem Fernando viveu no passado.

Um chão de presas fáceis: documentário reatualiza um princípio elementar da narrativa, ao demonstrar que o narrador fundamentalmente organiza os demais elementos. Se “as filmagens pretendiam registrar as vozes anônimas e as histórias da vida daqueles que habitam as cidades e lugarejos às margens da rodovia”, conforme a Nota do Autor, no início do romance, de fato o fizeram, pois ao final, no depoimento da avó de Humberto, a finalidade do projeto documental dos dois amigos vem à tona pelo avesso. A avó condena o neto e o amigo por escolherem “ficar de conversa fiada com essa gente ignorante, sem eira nem beira, gente que não sabe nem juntar duas palavras”. Se fica evidente Embora a narrativa evidencie que a rodovia “alterou para sempre a paisagem humana e cultural do Leste de Minas Gerais”, não pode demover a convicção de Dona Lurdes de que Humberto desperdiçou os bons colégios, o estudo de História, seu conhecimento do estrangeiro, rebaixando-se à altura dos entrevistados.

Wagner Coriolano de Abreu

Bolsista PNPd-Capes no Programa de Doutorado em Letras
– Associação Ampla UCS/UniRitter